

# Millenium spectrum

*SPECTRUM*, artigos versando temas variados, que vão desde *grandes nomes da educação*, até *figuras literárias da cidade de Viseu*, passando por questões de *Medicina do trabalho* e, quiçá, outros; espelho onde se reflectem várias visões do mundo ou de aspectos dele, espectro de sensibilidades, posições e opiniões sobre diversificados problemas, espelho em que se reflectem pensamentos e ideias e que nos devolve a imagem reflectida por outros desses pensamentos e dessas ideias. Espaço, enfim, onde se reflecte, um espelho que reflecte, espelho esse onde, afinal, nos reflectimos.

---

## ÁFRICA: UM CONTINENTE EM MUTAÇÃO A TERCEIRA VAGA DE TRANSIÇÕES DEMOCRÁTICAS E ALGUNS DOS IMPACTOS POLÍTICOS DA GLOBALIZAÇÃO EM ESTADOS NÃO-DEMOCRÁTICOS

ALBERTO MANUEL VARA BRANCO\*

### 1 Introdução – Os limites geográficos e a separação racial

#### 1.1. A geografia africana e o posicionamento de raças

O Continente africano tem como fronteiras naturais as seguintes incidências geográficas: o Mar Mediterrâneo, a Norte, o Oceano Atlântico, a Oeste, e o Oceano Índico e o Mar Vermelho, a Leste.

De uma maneira geral podemos dividi-lo em duas zonas absolutamente distintas:

- - O Centro-Norte, que é dominado pelo imenso deserto do Saara (8.600.000 de Km<sup>2</sup>);
- - O Centro-Sul, depois de se percorrer as savanas, é ocupado pela floresta tropical africana.

---

\* Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Superior Politécnico de Viseu.

É importante referir que esta separação geográfica também contribuiu para uma separação racial, que pode ser resumida deste modo:

- A Norte habitam os muçulmanos, nomeadamente os egípcios, os berberes e os tuaregues; e
- No Centro-Sul habitam mais de 800 etnias negras africanas.

É de sublinhar que é a este isolamento geográfico, bem como às expedições exteriores, que se ficou a dever o atraso da África. Exemplo notório do que foi referido é que mesmo antes da chegada dos traficantes europeus de escravos negros, já os árabes praticavam o comércio negreiro. Por sua vez, as guerras tribais africanas favoreciam (e ainda favorecem camufladamente) este tipo de comércio na medida em que a tribo derrotada era vendida aos mercadores. Tudo parece indicar que a África branca sempre teve um predomínio significativo sobre a África negra.

No entanto, devem ser tidas em consideração algumas reservas.

### 1.2. A história da África: nota explicativa

Os mitos e os preconceitos de toda a espécie têm ocultado do mundo a verdadeira realidade do continente africano, uma vez que se consideravam as sociedades africanas como não possuidoras de uma história autónoma.

A partir de finais da década de 40 do século XX, dá-se uma reviravolta nesta concepção ao considerar-se o continente africano como uma entidade histórica. Já não era somente a evolução saída de uma aquisição cultural trazida do exterior pelas ondas migratórias, que tinha o seu contexto e o seu apogeu, mas um desenvolvimento cultural próprio endógeno.

Os estudos levados a cabo começam a salientar que nunca havia existido uma cisão entre a África branca e a África negra, como sendo desconhecidas uma da outra, mostrando ao invés que o deserto do Saara não era um espaço impenetrável, mas sim uma ligação entre as civilizações do Antigo Egipto e da Núbia e as dos povos situados a sul do Saara.

Portanto, a situação evoluiu muito, e em especial a partir do momento em que os países de África, havendo alcançado a independência, passaram a participar conscientemente da vida internacional e dos intercâmbios.

## 2 A Colonização da África

Todo o processo de ocupação territorial, exploração económica e o domínio político do continente africano por potências europeias iniciou-se no século XV, quando

alguns impérios e/ou reinos africanos importantes, na zona ocidental, nomeadamente o de Ghana e do Mali haviam já desaparecido, e estende-se até à metade do século XX.

De acordo com Ferro (1996), é salientado que *se mais mundo houvera lá chegara. Esta ufana apóstrofe em que os descobrimentos portugueses se espelham diz-nos bem o que foram as viagens desses grandes exploradores cuja tradição ainda hoje é glorificada (p.47).*

Por outro lado, mais adiante o mesmo investigador sublinha que os Portugueses não pretendiam terras, mas sim a exploração do comércio marítimo, uma vez que estavam ofuscados pelas riquezas da Índia e desejavam açambarcar todo o seu tráfico.

Assim, verificamos que a primeira fase do colonialismo africano surge da necessidade de se encontrarem rotas alternativas para o Oriente, o que por consequência levaria à criação de novos mercados produtores e consumidores. A descoberta do caminho marítimo para a Índia facilitou esse intercâmbio económico.

Os Portugueses iniciaram o processo de colonização na primeira metade do século XV estabelecendo feitorias, portos e enclaves por todo o litoral oeste africano. A obtenção de pedras, metais preciosos, especiarias e escravos é feita pelos sistemas de captura e de pilhagem. Este método predador provocou o abandono quase total da agricultura e o atraso no desenvolvimento manufactureiro dos países africanos.

Contudo, outros países seguem o exemplo de Portugal, copiando os seus sistemas.

A Espanha fica senhora das Canárias no século XV e da costa africana do Cabo Bojador até às cercanias da actual Agadir, provando que a ocupação espanhola limitava-se ao litoral e apesar da sua presença militar até meados do século XIX a Espanha não empreende qualquer acção colonizadora no interior do território.

Só nos finais do século XIX se activa a presença da Espanha na corrida encetada entre as potências europeias. Assim, a Espanha declarou sob sua protecção a região do Rio do Ouro e em 1885 durante a Conferência de Berlim, a Espanha vê reconhecida a sua protecção aos territórios do Saara e em 1886 surgem as primeiras negociações entre a Espanha e a França para demarcar as zonas de influência na África Ocidental.

A Inglaterra também interessada nos negócios marítimos surge no final do século XVIII e meados do século XIX com um enorme poder naval e económico, assumindo a liderança da colonização africana.

Para isso, combatem a escravidão já menos lucrativa e orientam o comércio africano para a exportação do ouro, do marfim e dos animais exóticos. Desta forma, os ingleses têm necessidade de estabelecer novas colónias na costa e passam a implantar um sistema administrativo fortemente centralizado na mão de colonos brancos ou na mão de representantes da coroa inglesa, geralmente bem escolhidos pelo governo

central da metrópole.

Também a Holanda não fica de fora em África. Os holandeses estabelecem-se na região da cidade do Cabo, na África do Sul, a partir de 1652. Aí desenvolveram, na região, uma nova cultura e formam uma comunidade conhecida como Africânder ou Bóer no Transvaal. Mais tarde, estes bóeres perdem o domínio da região que ia até ao sul de Moçambique para o Reino Unido após a *Guerra dos Bóeres*.

Já em finais do século XIX e princípios do século XX, com a expansão do capitalismo industrial, inicia-se no continente africano o neocolonialismo. A partir de 1880, a competição entre as metrópoles pelo domínio dos territórios africanos intensifica-se. O mapa cor-de-rosa português e o ultimato inglês são dois bons exemplos.

A partilha da África tem início, de facto, com a Conferência de Berlim (1884), que instituiu normas para a ocupação. No início da I Guerra Mundial, 90% das terras já estão sob o domínio da Europa. A partilha é feita de maneira arbitrária, não respeitando as características étnicas e culturais de cada povo, o que contribuiu para muitos dos conflitos actuais no continente africano.

Outros países europeus também procuram dominar a África, como a França, a Bélgica e a Itália.

Portugal com esta partilha continua com Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, São João Baptista de Ajudá, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique.

Após a partilha ocorrem movimentos de resistência. Contudo, muitas das manifestações são fortemente reprimidas com violência pelos colonizadores.

Segundo Ferro (1996), a colonização, representando a ocidentalização do mundo africano, suprime as estruturas tradicionais locais e deixa um vazio cultural de difícil reversão. As características da sociedade tradicional em África, tais como a parentela e as suas funções, o clã e a linhagem, a exogamia, os princípios hierárquicos e o agrupamento doméstico são ultrapassados e vilipendiados.

Consideramos que é aqui que residem ainda hoje os grandes problemas existentes em África, pela inoperância da maioria dos países colonizadores e, ainda, pelo abrandamento da influência muçulmana, proveniente do Norte do continente.

A referida ocidentalização fez surgir um novo tipo de sociedades e segregou igualmente uma modalidade de relações económicas e políticas sem precedentes, em África, resultado do encontro de civilizações estranhas umas às outras.

Ainda de acordo com o mesmo autor, as sociedades que se constituíram no âmbito da colonização estiveram na origem de actividades novas que vieram enxertar-se nas formas tradicionais da vida, salientando que as plantações surgiam entre as primeiras instalações de carácter económico sendo, por isso, uma das marcas da sociedade colonial.

Também é salientado que ali são fundadas novas cidades com a sua arquitetura específica, nomeadamente as igrejas, para além da construção de escolas, hospitais e redes ferroviárias.

### 3 A Descolonização de África

Para Ferro (1996), o caso da África negra apresenta um novo papel da Igreja e do Cristianismo como agentes e factores de descolonização, depois de associados à expansão europeia. Na verdade, durante o século XIX os Papas de Roma não haviam cessado de procurar dissociar o movimento missionário da expansão colonial.

Os missionários e os colonizadores mantiveram-se no século XIX e no início do século XX em relativa autonomia recíproca, embora a metrópole intervisse com frequência para reforçar a influência de uns e de outros, de acordo com os seus interesses e, ainda, tendo em consideração a política internacional da época.

O mesmo investigador refere, com muita acutilância, que apesar desta situação, a evangelização tinha como efeito o fazer emergir do seu grupo um certo número de indivíduos e de assim poder abalar os fundamentos da sociedade tradicional para a destabilizar, ao passo que a colonização se baseava ficticiamente nas antigas estruturas, pois isso facilitava a acção dos administradores coloniais.

O processo de descolonização da África negra inicia-se após a II Guerra Mundial, com o aparecimento dos movimentos de libertação nacional. Contudo, este processo de independência é feito de forma desigual e demorada.

De acordo com M'Bokolo (2003), o movimento pan-africano desempenhou um papel de motor na emancipação das populações do continente negro, sendo ele por excelência a ideologia da descolonização na África Negra.

Para o mesmo autor, a unidade africana data somente da Conferência de Accra, em 1958, e mais profundamente, é proveniente da Conferência de Londres, onde a situação geral dos negros fora referenciada, o que explica o facto de o movimento pan-africano se ter mantido de início principalmente um movimento anglófono.

Segundo Ferro (1996), o fim da Colonização ficou a dever-se à luta de libertação das populações submetidas e vencidas, e ainda devido à decadência das metrópoles incapazes de gerir o imenso capital que tinham acumulado.

Para Ferro (1996), após o processo de descolonização, entre as décadas de 1950 e 1970, as guerras civis tornaram-se constantes na região da África Subsaariana, já que as fronteiras políticas dos Estados nascentes não obedeceram às divisões étnicas, religiosas e linguísticas dos povos nativos.

Desde então, segundo o mesmo autor, cerca de 20 nações africanas já entraram

em guerra. As ricas reservas de minérios, com enorme potencial para impulsionar o desenvolvimento económico, funcionaram, ao contrário, como motor de alguns conflitos.

#### **4 A África a partir da segunda metade do século XX**

De acordo com M'Bokolo (2003), a continuidade dos conflitos armados, o avanço de epidemias e o agravamento da miséria marcam a história recente da África e contribuem para o isolamento económico do continente.

Algumas nações alcançam relativa estabilidade política e desenvolvimento – é o caso da África do Sul, responsável por um quinto do PIB africano, graças à exportação de ouro, minério de ferro, diamantes e carvão e a maciços investimentos no parque industrial, e dos países árabes da chamada África Branca, ao Norte, como a Líbia, a Argélia e o Egipto, onde a economia está baseada na exploração de petróleo e gás natural.

Ainda para o mesmo investigador, a região da África Subsaariana, que abrange os países de população negra situados ao sul do deserto do Saara, é a única área do planeta que regrediu economicamente em relação à década de 60.

O mesmo autor salienta também que o continente é marcado, para além do que anteriormente foi referido, por conflitos étnico-religiosos, tanto entre clãs e tribos na África Negra, quanto entre guerrilheiros fundamentalistas e os governos nos países islâmicos.

#### **5 A Globalização**

Na década de 1990, os meios de comunicação electrónicos, os investimentos e o marketing a nível mundial criaram uma economia global.

Actualmente, as grandes empresas transnacionais dominam as finanças e a produção mundiais. Mas o fosso entre países ricos e pobres mantém-se e as regiões em vias de desenvolvimento dependem da ajuda do investimento e dos mercados das regiões industrializadas. Mesmo o Continente africano sofreu a sua influência e os resultados positivos e negativos vieram ao de cima.

De acordo com Iliffe (1999), o atraso económico e a ausência de uma sociedade de consumo em larga escala colocam o mercado africano em segundo plano no mundo globalizado. O Produto Interno Bruto (PIB) da África representa apenas 1% do total mundial e o continente participa de apenas 2% das transacções comerciais que

acontecem no mundo (participava 6% nos anos 60). O resultado é que 260 dos 600 milhões de habitantes da África vivem com até um dólar por dia, abaixo do nível de pobreza definido pelo Banco Mundial.

Para o mesmo autor há fome e subnutrição crónica na maioria dos países. O maior problema na área da saúde é a propagação de epidemias. Cerca de 90% dos casos mundiais de malária ocorrem na África Subsaariana e 71% dos portadores do vírus HIV no planeta vivem na região. Em Botsuana e Zimbabué a Sida atinge 1 em cada 4 adultos.

De acordo com Ferro (1996), na África Negra a principal indústria é a administração, dando como exemplo o Daomé que, em 1970, absorvia 64% do orçamento do Estado. Por outro lado, o mesmo investigador sublinha que a uniformização institucional e burocrática tem-se manifestado com o desenvolvimento de cada estado, fenómeno este que se tem traduzido na multiplicação de grupos sociais que alargaram a área de poder central, quer eles tenham sido sucessivamente o clero, os militares, os funcionários, os executores ou mesmo os universitários.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- FERRO, Marc. *História das Colonizações, das conquistas às independências, séculos XIII a XX*. Lisboa, Editorial Estampa, 1996.
- ILIFFE, John. *Os Africanos, História de um Continente*. Lisboa, Terramar, 1999.
- M'BOKOLO, Elikia. *África Negra, História e Civilizações*. Lisboa, Vulgata Editora, 2003.